

PROJETO DE LEITURA

AUTORIA RENATA MORAES

GABRIEL GÓES
ANDRÉ MIRANDA

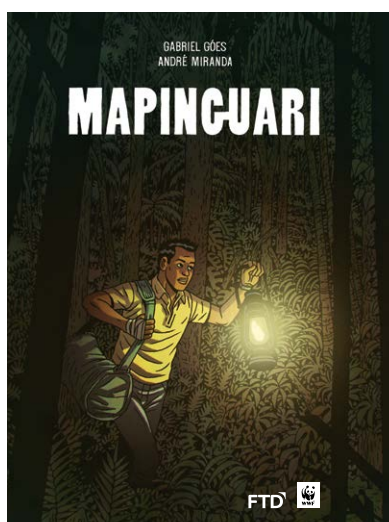
MAPINGUARI



FTD

PROJETO DE LEITURA 589

Cultivando Leitores



A partir do 9º ano

LIVRO *Mapinguari*

AUTOR André Miranda

ILUSTRAÇÕES Gabriel Góes

NÚMERO DE PÁGINAS 160

FORMATO 20,5 cm × 27,5 cm

TEMAS ABORDADOS Meio ambiente, crítica social, folclore e cultura popular, cidadania, trabalho e projeto de vida, indígena, diversidade

OBRA, AUTOR, ILUSTRADOR

Sinopse

Mapinguari é uma narrativa de ficção no formato de história em quadrinhos (HQ) com linguagem visual detalhada, que permite ao leitor acessar diversos pontos de vista sobre assuntos contemporâneos importantes. O protagonista da história é José, um jovem com ideias, sonhos e angústias que revisita sua relação com os familiares e amigos, consigo mesmo e com sua comunidade de origem no interior do Acre, o Seringal Santo Antônio. Ele vive um dilema e tanto ao descobrir que seu emprego ameaça a comunidade. Os seringueiros são assediados por negociantes de terras da empresa onde José trabalha, na capital Rio Branco. Conforme se reaproxima do povoado, o protagonista descobre a história de sua família e os valores locais – o folclore, o movimento seringalista, a cultura indígena e as riquezas da floresta. Numa narrativa conduzida sobre a fina linha que separa realidade, mito e sonho, o ser lendário mapinguari simboliza os mistérios inapreensíveis pela marcha do progresso que incendeia a mata.

POR QUE LER?

Ao retratar a cultura dos seringueiros, dos indígenas e dos moradores da cidade, bem como seus conflitos e sonhos, a obra dialoga com a sociologia e a antropologia. José, ao longo da narrativa, se depara com questões sobre cidadania, ancestralidade e preservação da cultura seringalista, à medida que se reapropria de seu local de nascimento, suas origens culturais. Ele vive uma relação tensa com a família, particularmente com o irmão Beto, e sente não pertencer aos locais onde vive: primeiro o seringal, depois a cidade. Essa sensação de não pertencimento é uma das inquietações dos jovens da atualidade. Por meio da visão do protagonista, também observamos a vulnerabilidade desses jovens: a gravidez precoce de sua sobrinha Mayara, a violência causada por disputas de terras que assombra o povoado do seringal e a sedução do dinheiro, da televisão, da bebida alcoólica e do celular. O enredo é permeado, ainda, pelos projetos de vida dos personagens: José, que trabalhava como negociante de terras, repensa o emprego e a vida na capital do estado ao descobrir as reais intenções de seu patrão e acaba por tornar-se professor na escola do seringal, como sua amiga Iara; Beto assume a liderança na defesa do seringal, seguindo os passos de seu pai.

O livro aborda temáticas atuais, fazendo os adolescentes refletirem sobre os problemas reais da vida contemporânea. O enredo apresenta uma comunidade rural em contraste com a vida citadina. Essa comunidade é nada menos que um dos povos da Floresta Amazônica brasileira – os seringueiros. É importante os adolescentes tomarem contato com a cultura amazônica para que se conscientizem da importância de preservar esse ecossistema fundamental para o planeta Terra e de valorizar a pluralidade cultural.

No Ensino Médio, as preocupações do jovem com o futuro afloram. Conhecer para entender é fundamental: De onde viemos? Para onde vamos? Quem são nossos ancestrais e o que podemos aprender com eles sobre o futuro da humanidade? As habilidades emocionais também são trabalhadas, e os jovens leitores podem se identificar com as experiências vivenciadas pelos personagens. Sentimentos como raiva e ciúme, solidariedade e empatia, solidão e união, rejeição e aceitação são abordados em situações-problema. As cenas prendem a atenção justamente pela afinidade com a vida real, colaborando assim para uma tomada de decisão consciente diante dos desafios da vida. Além disso, o projeto gráfico e as ilustrações dialogam criativamente com o texto, ajudando

o jovem leitor a elaborar seu entendimento da história também de forma criativa, por meio de analogias.

Os leitores de *Mapinguari* podem pensar em que medida a trajetória de José reverbera a história de vida dos jovens de todo o Brasil. Muitos estudantes poderão se reconhecer numa narrativa em que o protagonista persegue, ao mesmo tempo, objetivos pessoais e melhores condições para sua comunidade. Essa identificação potencializa a fruição literária e realça a importância do trabalho com projetos de vida em sala de aula.

SOBRE O AUTOR

André Miranda é diretor de cena, diretor de fotografia e roteirista em cinema e publicidade. No cinema escreveu, dirigiu e fotografou diversos curtas-metragens e videoclipes, tendo recebido vários prêmios por esses trabalhos. Atualmente, dedica-se a seu primeiro projeto de longa-metragem de ficção, chamado *Mike*.

SOBRE O ILUSTRADOR

Gabriel Góes é ilustrador, quadrinista e artista plástico. Nascido em Brasília em 1980, adaptou, em parceria com o quadrinista Arnaldo Branco, as obras *O beijo no asfalto* (Nova Fronteira) e *Vestido de noiva* (Desiderata), de Nelson Rodrigues. Também é autor da *graphic novel Flores* (Cavalo) e criador do personagem Billy Soco.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I

As atividades a seguir o auxiliam a trabalhar a obra com os estudantes, ajudando-os a desenvolver competências e habilidades da área de Linguagens e suas Tecnologias e, especificamente, do componente Língua Portuguesa, de acordo com o que é estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

COMPETÊNCIAS DA BNCC TRABALHADAS NESTA SEÇÃO:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

7. Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Pré-leitura

As atividades propostas neste tópico têm como objetivo preparar situações de pré-leitura, despertando o interesse tanto pela obra quanto pelas temáticas nela abordadas e estabelecendo relações com as experiências de vida dos estudantes.

Estrutura de uma história em quadrinhos

- Apresente a obra *Mapinguari* aos estudantes e oriente-os a observar a ilustração de capa. Peça a eles que se dividam em duplas para folhear o livro e, assim, se apropriar de seu conteúdo e linguagem. O objetivo é identificar como a história se estrutura visualmente. Proponha uma discussão sobre as características textuais e gráficas dos quadrinhos e os aspectos da linguagem das HQs que a aproximam (diálogos) e a afastam (ausência de descrições) da linguagem de outros gêneros literários, como o romance e o conto. Em termos de ambientação histórica, pergunte: Que pistas as ilustrações dão ao leitor? Que sensações as páginas com menos ou mais quadros promovem no leitor? O que as cores comunicam? É possível distinguir a mudança de narrativa pela mudança no estilo das imagens? Qual é a diferença de percepção entre um quadro com texto escrito (balões) e outro sem? Se eliminada a narrativa visual, seria possível compreender e apreciar a obra apenas a partir da narrativa verbal? Depois da conversa em duplas, incentive os estudantes a dividirem com toda a turma suas percepções, em um diálogo respeitoso e participativo. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LGG103 e EM13LGG602.)

Mapinguari, uma lenda amazônica

- O objetivo desta atividade é pesquisar como a lenda do mapinguari foi retratada por diferentes intelectuais e artistas brasileiros. Peça à turma que se divida em quatro grupos. Cada grupo deve pesquisar a origem desse personagem folclórico e a forma como ele foi retratado pelos seguintes autores: Flavio Colin, Rachel de Queiroz, Girotto Brito e Antonio Juraci Siqueira. Proponha uma pesquisa complementar na internet sobre a lenda amazônica do mapinguari, “o terror dos seringueiros”¹. Se não houver acesso à internet, faça a pesquisa previamente e disponibilize textos impressos ou projetados, caso haja esse recurso em sala de aula.

Depois da pesquisa, incentive o compartilhamento de informações e impressões entre os estudantes. Nesse processo de partilha, eles poderão observar que existem variações nas histórias. Instigue-os com perguntas como: Será que perceberam que a imaginação popular pode alterar uma lenda, adaptando-a, exagerando-a, ampliando-a, dando-lhe toques fantásticos? Repararam que uma lenda não é apresentada por um texto canônico, mas em muitas versões diferentes? Outras perguntas podem ser compartilhadas para incentivar a oralidade, a interação e a socialização durante esse momento de diálogo: Quem são os artistas e intelectuais pesquisados inicialmente? Qual foi a contribuição ou a criação artística de cada um relacionada ao folclore e ao mapinguari? O que o mapinguari pode dizer sobre a relação do ser humano com o meio ambiente? Por que ele inspira tanto medo? O medo que sentimos dele pode ter a ver com o medo da natureza selvagem? (Habilidades de referência da BNCC: EM13LP01, EM13LP32, EM13LGG104 e EM13LGG602.)

Leitura

A leitura compartilhada e a troca de ideias e opiniões sobre trechos específicos da obra, entre outras atividades propostas durante esta etapa, visam possibilitar maior envolvimento dos estudantes, promover a sociabilidade e incentivar a fruição literária.

¹ Você deve encontrar muitos relatos e descrições desse ser lendário nesta lista de vídeos: https://www.youtube.com/results?search_query=mapinguari. Em texto, sugerimos os seguintes conteúdos: *Uma viagem através do folclore brasileiro*, de Israel Foguel; “Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o mapinguari no sudoeste amazônico”, de Felipe Ferreira Vander Velden; e os textos sobre o mapinguari nos sites especializados *My Creature Now* e *Folclorando* (dados completos nas Referências complementares).

Clube de leitura

- Para que a leitura dos quadrinhos de *Mapinguari* seja bem-sucedida em todos os seus aspectos (pedagógico e de fruição), é fundamental que a turma tenha um prazo confortável de leitura. Além disso, dada a importância de os estudantes serem protagonistas das atividades em que estão inseridos no ambiente escolar, pode ser interessante promover uma forma de leitura compartilhada, que permita trocas entre eles. Tendo isso em vista, estimule a criação de um clube de leitura como ponto de partida, em que os estudantes poderão ler e debater a obra coletivamente. É possível combinar com a turma prazos intermediários de leitura, com encontros marcados para discussão das passagens lidas, troca de ideias, especulação do que acontecerá em seguida, compreensão de personagens e suas motivações etc. Ao estabelecer as datas, é imprescindível escutar e acolher os estudantes, respeitando as diferentes dinâmicas de leitura da turma. Você pode fazer perguntas para nortear cada etapa da leitura, como: O que podemos saber dos personagens a partir de sua caracterização visual: roupa, postura do corpo, expressões faciais etc.? O que sabemos deles ao ler as falas (traços de regionalismo, linguagem formal ou informal, expressão: séria, divertida, raivosa, alegre, medrosa etc.)? Que detalhes relevantes podemos encontrar nas imagens que nos contam informações além da narrativa principal? Como são os cenários? É importante que os estudantes tenham liberdade para fazer outros comentários e reflexões suscitadas pela leitura. Lembre-se também de que uma história em quadrinhos precisa de um tempo adequado para apreensão do texto e das imagens, e que, com frequência, o leitor lê diversas vezes a obra para entendê-la em sua totalidade. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LP28, EM13LP46, EM13LP47 e EM13LP48.)

No meio dos quadrinhos

- Ao longo da leitura de *Mapinguari*, retome a observação atenta da narrativa em quadrinhos, ressaltando suas características e o que cada detalhe verbal ou visual revela para a composição da história. A cada parte da HQ lida, reveja a atividade de pré-leitura “Estrutura de uma história em quadrinhos”. À medida que a leitura avançar, proponha outras questões a fim de identificar detalhes desta história em quadrinhos, por exemplo: Há alteração na representação visual dos personagens conforme a trama avança? Em caso positivo, que alteração é essa e o que significa? Há variação de

cores ou estilos? O que isso significa? O tempo da narrativa da HQ é linear? Quais recursos são usados para indicar o tempo da história? Como o texto dos balões se comunica com a ilustração (estilo, cores, enquadramentos)? O que cada linguagem (escrita e gráfica) comunica sozinha e o que elas comunicam em conjunto? Questões como essas não apenas instigam o estudante a evoluir com prazer na leitura como também o auxiliam na compreensão da obra. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LGG103 e EM13LP14.)

Pós-leitura

As atividades a seguir auxiliam o trabalho de reflexão após a leitura e têm o objetivo de potencializar os efeitos da fruição literária, bem como desenvolver as competências e habilidades específicas da área de Linguagens e suas Tecnologias e do componente Língua Portuguesa.

Recepção da obra *Mapinguari*

- Finalizada a leitura da HQ, é hora de ouvir os estudantes sobre suas impressões. Proponha um diálogo no formato de roda de conversa e inicie as reflexões e interlocuções com as perguntas a seguir: Qual é o tema central da narrativa? Que outros assuntos ocorrem em paralelo ao tema central? O que a HQ transmite ao leitor, além de contar uma história? Do que mais gostaram na narrativa? Do que menos gostaram? Abra espaço na conversa para que todos se expressem livremente, respeitando a vez de fala do outro. A seguir, leia com a turma o poema “José” (1942), um dos clássicos de Carlos Drummond de Andrade, conhecido pelo verso “E agora, José?”². Você pode também exibir um vídeo em que o próprio Drummond recita o poema³ ou a versão musicada de Paulo Diniz⁴. A vida do personagem José, da HQ *Mapinguari*, parece se assemelhar à desse outro José. Pergunte à turma: Que semelhanças e diferenças enxergam nas situações do José de *Mapinguari* e do José de Drummond? A leitura compartilhada do poema

2 ANDRADE, Carlos Drummond de. José. *Alguma Poesia, Drummond: 100 anos*. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond14.htm>. Acesso em: 4 dez. 2020.

3 POEMA: E agora, José – na voz de Carlos Drummond de Andrade. 2015. Vídeo (1min53s). Publicado pelo canal Sebo Itinerante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gqMqK6Supww>. Acesso em: 4 dez. 2020.

4 PAULO DINIZ – E agora, José – poema de Carlos Drummond de Andrade, musicado por Paulo Diniz. 2014. Vídeo (3min10s). Publicado pelo canal Luciano Hortensio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1L9mZlxgaq0>. Acesso em: 21 dez. 2020.

complementará a visão dos estudantes, ampliando seu repertório cultural por meio do diálogo entre os textos. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LP03 e EM13LP06.)

Perfil dos personagens

- Solicite aos estudantes que reflitam sobre o protagonista da história. Quais são as características físicas e psicológicas de José? Ele tem sonhos e objetivos? Quais são? Como ele encontrou o caminho para construir e realizar seus sonhos? José tem em mãos o curso de sua própria vida ou é guiado por outras pessoas no trabalho que desenvolve? Quais são suas angústias e preocupações? Como elas se transformam ao longo da narrativa? Com base nessa reflexão, separe a turma em grupos pequenos e peça a cada um que crie um perfil de José num vídeo ou texto escrito. Os estudantes vão mapear as características de José e colocar uma foto ou desenho para representá-lo, como se fosse o perfil de uma rede social. A partir desse exercício de imaginação, pergunte: O que José publicaria na rede? Com quem ele faria interagir e conversaria? Como se daria uma conversa particular com outro personagem? O que ele curtiria ou compartilharia? O que publicaria em seu perfil? Essas criações podem ter a ver com a história, por exemplo uma mensagem dele ao irmão: “Tô chegando”, a caminho do seringal. Ou a partilha de reportagem sobre o incêndio no seringal. O mesmo exercício de criação será feito com outros personagens da HQ. A partir desses perfis, proponha aos grupos a criação de diálogos entre personagens, como Beto e José, Iara e José, Francelino e o patrão de José ou até mesmo entre o professor José do fim da história e seus prováveis alunos. Os diálogos podem dar origem a tirinhas e esquetes orais a serem apresentadas para a turma. Com essa atividade, pode-se verificar se os estudantes compreenderam como são constituídos os personagens de *Mapinguari*, verificando como suas características psicológicas surgem na narrativa. Assim, será possível estabelecer uma relação com a obra no sentido de compreender como os autores compuseram a trama a partir da psicologia dos personagens. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LP02 e EM13LP01.)

Linguagem narrativa

- José é o protagonista da narrativa, a quem acompanhamos do início ao fim. Mas quem é o narrador da história? Oriente os estudantes a procurarem

recordatórios e legendas, que correspondem à voz narrativa da HQ, geralmente expressa num retângulo no canto da imagem. Eles devem perceber que o livro quase não apresenta recordatórios ou legendas. Há um raro uso de recordatórios na página 33. A narrativa, portanto, é conduzida pelos balões – as falas dos personagens – em conjunto com as informações visuais dentro dos quadrinhos e entre eles (por exemplo, o último quadro da página 10 apresenta um copo de café quase vazio, enquanto o primeiro quadro da página seguinte mostra um ônibus na estrada, dando a entender que José pegou o ônibus). Peça aos estudantes que observem a linguagem narrativa: é fluida, coloquial, de uso cotidiano? Ou é algo contrário a isso, formal e distante do dia a dia? Como a transição entre os quadros ajuda a narrar a história? Essa transição demanda capacidade de compreensão do leitor, pois acontece de maneira aparentemente brusca, não explícita, mas aos poucos os elementos verbo-visuais dão pistas para entender o que está acontecendo (leia mais em “Histórias em quadrinhos: romance gráfico?”, na seção Aprofundamento). (Habilidades de referência da BNCC: EM13LP02 e EM13LP01.)

O enredo da HQ

- Oriente uma reflexão dos estudantes sobre o enredo, o conjunto dos fatos de uma história encadeados numa sequência narrativa (começo, meio e fim ou apresentação, clímax e desfecho), que se organiza em torno de um conflito. Quais conflitos acontecem na história? Como eles organizam a sequência narrativa? Quais temas são mobilizados em cada conflito? Há conflitos secundários? Solicite aos estudantes que analisem o enredo na HQ. A ideia é que percebam como ele está intrinsecamente conectado às imagens. A seguir, proponha aos estudantes que adaptem o enredo de *Mapinguari* ou um trecho dele para um texto em prosa, como um pequeno conto. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LP02 e EM13LP01.)

O mapinguari em Mapinguari

- O ser folclórico mapinguari aparece pouco ao longo da narrativa, em versões diferentes. O leitor pode estranhar, tendo em vista que ele dá o título da obra. Converse com a turma sobre essa suposta contradição ou incoerência. O leitor pode ter criado, desde o início da história, a expectativa de encontrar na narrativa o monstro lendário da Amazônia. Sua presença,

aparente ou difusa, dá um toque singular ao enredo e reforça o caráter literário da HQ, ao agregar uma camada alegórica, representativa das forças da floresta e da ancestralidade dos povos nativos.

Reveja com a turma os momentos de aparição do mapinguari na narrativa gráfica nas páginas 33, 125 e 145, assim como a menção a ele na página 97: Por que o monstro aparece ou é citado tão pouco? Por que as representações visuais dele são diferentes? O que esses momentos significam no contexto da narrativa? Que sentidos a figura folclórica traz para a HQ? Por qual razão a representação visual do mapinguari muda ao longo da história? Deixe os estudantes elaborarem hipóteses e interpretações livremente. Prepare-se para conduzir essa discussão lendo o tópico “A lenda mapinguari na HQ”, em Aprofundamento.

Desvios da narrativa: visões, sonhos e flashbacks

- Nesta atividade, os estudantes vão observar os momentos em que a narrativa interrompe a sequência cronológica dos fatos para mostrar um sonho ou uma visão de José, ou, ainda, um *flashback*, um acontecimento no passado. Onde estão esses momentos em *Mapinguari*?

Apresente um desses trechos. Logo no início da narrativa, o personagem José se lembra de sua época de trabalho no seringal com o pai. Ele resgata esse fato em sonho, antes de sair para a viagem em que retornará à casa da família, nas páginas 5 a 8:

Convém destacar que esse é um recurso muito usado em *Mapinguari*. Para entender o uso e a função da visão, do sonho e do *flashback*, os estudantes devem retomar a leitura da obra em grupos, listando em um caderno os trechos nos quais esses elementos ocorrem. Reserve um tempo para essa atividade. Quando todos os grupos terminarem a releitura da HQ, evidenciando as cenas encontradas, é hora de sistematizar esse conhecimento. Organize uma roda de conversa. Solicite aos grupos que apresentem os trechos e compartilhem com a turma o que entenderam. Motive-os a complementar as ideias dos demais grupos. Quando todos concluírem, faça um fechamento sobre a importância de reler um texto: a releitura amplia o olhar e permite captar detalhes importantes que poderiam passar despercebidos num primeiro contato com a narrativa. (Habilidades de referência da BNCC: EM13LGG103, EM13LGG202 e EM13LP52.)

Debate: meio ambiente versus desenvolvimento

- Peça à turma que se divida em dois grupos e promova um debate em que cada grupo defenderá uma das seguintes posições: **a preservação do meio ambiente** e **o desenvolvimento econômico**. Compartilhe as diretrizes do debate:
 1. Cada grupo elege um representante para falar e se posicionar. Quando um representante se pronunciar, todos permanecem em silêncio.
 2. A cada defesa de ponto de vista, pode haver uma réplica ou tréplica do representante adversário.
 3. O professor atua como mediador do debate, conduzindo as perguntas e direcionando devolutivas conforme manifestação do representante do grupo.
 4. O grupo pode conversar internamente para pensar em argumentos adequados e coerentes.
 5. Nessa atividade, não há vencedores nem perdedores. Devem prevalecer o bom senso, as opiniões embasadas e que não agridam os colegas e, sobretudo, o respeito aos direitos humanos.

Reserve um tempo para a compreensão das diretrizes, a fim de que os estudantes se preparem para o debate oral. Em seguida, pergunte a todos se há alguma dúvida e tente saná-las de forma coletiva. Feitos os ajustes, inicie o debate, estipulando um tempo de duração. Depois, conversem sobre o que foi debatido. Algumas questões podem ajudar nesse momento: Entre as ações práticas elencadas no debate, quais podem ser realizadas por vocês mesmos? O que pode ser realizado pelo poder público? O que a

WORLDCLASSPHOTO/SHUTTERSTOCK.COM



Vista aérea da Amazônia. Aliar a conservação da maior floresta tropical do planeta ao bem-estar material dos que vivem na região tem sido um desafio para o Brasil e os países vizinhos.

comunidade local pode fazer para minimizar impactos ao meio ambiente? Como conciliar trabalho e bem-estar material para todos com a proteção da Amazônia? (Habilidades de referência da BNCC: EM13LGG304, EM13LP25 e EM13LP53.)

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II

As atividades propostas a seguir visam auxiliar os professores das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências da Natureza a desenvolverem algumas das temáticas presentes em *Mapinguari*, a fim de que haja um diálogo interdisciplinar, de acordo com o que é estabelecido pela BNCC.

COMPETÊNCIAS DA BNCC TRABALHADAS NESTA SEÇÃO:

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO

1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.

3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA APLICADAS PARA O ENSINO MÉDIO

4. Avaliar aplicações e implicações políticas, socioambientais e culturais da ciência e de suas tecnologias para propor alternativas aos desafios do mundo contemporâneo, incluindo aqueles relativos ao mundo do trabalho.
5. Construir argumentos com base em dados, evidências e informações confiáveis e negociar e defender ideias e pontos de vista que promovam a consciência socioambiental e o respeito a si próprio e ao outro, acolhendo e valorizando a diversidade de indivíduos e de grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza.

Pré-leitura

As atividades propostas neste tópico têm como objetivo preparar situações prévias à leitura, despertando o interesse pelas temáticas abordadas em *Mapinguari*, e estabelecer relações com as experiências de vida dos estudantes e com o conteúdo das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências da Natureza.

Projetos de vida

- Um ponto importante da BNCC para o Ensino Médio é a elaboração de um projeto de vida. Acessar textos não literários e literários em suas mais

diversas formas auxilia o indivíduo no seu reconhecimento como sujeito capaz de participar e intervir nos diversos níveis da sociedade a fim de concretizar seu projeto de vida.

Apresente a HQ *Mapinguari* para a turma. Escrita por um roteirista de cinema, André Miranda, e ilustrada por um artista plástico, Gabriel Góes, a obra tem 160 páginas. Sua primeira publicação ocorreu em 2018, numa edição patrocinada e distribuída pela organização da sociedade civil brasileira, apartidária e sem fins lucrativos WWF-Brasil, que trabalha em defesa da vida e para mudar a atual trajetória de degradação socioambiental no país. Pergunte aos estudantes se eles leem HQs, se gostam desse gênero e quais tipos costumam ler. Conte que se trata da história de um jovem pertencente a uma família de seringueiros no interior do Acre que resolve traçar para si um projeto de vida diferente na cidade, como negociante, comprando e vendendo terras. No fim, ele torna-se professor na escola do seringal, enquanto o irmão vira líder comunitário.

Sugira à turma uma pesquisa rápida sobre as quatro atividades: seringueiro, negociante de terras, professor e líder comunitário. Então, inicie uma conversa: O que se faz em cada uma delas? Como são as diferentes rotinas de cada atividade? É necessário algum curso, habilidade ou experiência prévia para exercê-las? (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS101 e EM13CHS501.)

A relação ser humano-natureza

- A narrativa de *Mapinguari* tem como protagonistas pessoas que vivem da extração do látex das seringueiras na região amazônica. A obra abre espaço para discutir as características desse modo de vida e dessa ocupação, ameaçada pela degradação do meio ambiente. Proponha um debate sobre as questões socioambientais e econômicas nos grandes biomas brasileiros ameaçados, como a Amazônia e o Pantanal. Coloque em pauta a relação ser humano-natureza, a exploração predatória da floresta *versus* o manejo sustentável e as alternativas de produção regenerativa, como agrofloresta e permacultura. (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS103, EM13CHS104 e EM13CNT207 e EM13CHS102.)

Leitura

A troca de ideias e opiniões sobre trechos específicos da obra visa possibilitar maior envolvimento dos estudantes, promover a sociabilidade e incentivar

que estabeleçam relações entre a obra de ficção e a vida real. Além disso, as atividades de leitura aproximam o leitor de *Mapinguari* de situações reais que acontecem com os povos que vivem na e da floresta.

Literatura e conscientização ambiental

- Proponha aos estudantes uma pesquisa com a comunidade escolar (outros estudantes e funcionários) e com a família sobre desmatamento, incêndios florestais e práticas agrícolas. Algumas perguntas para pautar a pesquisa: O que você sabe sobre o assunto? O que pode ser feito para melhorar a relação com o meio ambiente no Brasil? O que você faz para preservar o meio em que vive? Que solução você sugere para evitar as queimadas e o desmatamento? Como tratar o paradoxo do agronegócio, que impulsiona a economia ao mesmo tempo que precisa de terras para o plantio e a pastagem? Por que o Brasil é chamado de “celeiro do mundo”? É possível manter e ampliar a produção agrícola sem degradar o meio ambiente? Por que as terras indígenas têm áreas florestais mais preservadas do que as unidades de conservação em que não há ninguém morando? Como cada um de nós pode agir, direta e indiretamente, para reduzir os impactos ecológicos negativos da ação humana? Durante a leitura de *Mapinguari*, peça aos estudantes que identifiquem as passagens da HQ que se referem aos temas pesquisados e façam anotações no caderno. Eles devem retomar os resultados da pesquisa e elaborar uma análise sobre como a obra pode ser um instrumento de informação, formação e transformação do ser humano, no sentido de fomentar mudanças de atitude. Algumas das imagens da HQ podem ser trazidas para o estudo, como as das páginas 84, 92, 102 e 133.

FRONTPAGE/SHUTTERSTOCK.COM



Área desmatada na Amazônia brasileira para plantio de soja.

Essa atividade e o seu resultado podem ser compartilhados na rede social oficial da escola, em um grupo fechado da turma ou em mural na sala de aula. Será o momento de expor todo o processo de realização das entrevistas, pesquisas, análises e da leitura de *Mapinguari*, fechando com a seguinte pergunta: A literatura pode desempenhar um papel relevante, mesmo que indireto, na preservação do meio ambiente? Qual é o poder dos quadrinhos para ajudar na conscientização do leitor a respeito dos problemas no local onde vive? (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS302, EM13CHS403, EM13CNT208 e EM13CNT309.)

Pós-leitura

As atividades a seguir auxiliam o trabalho de reflexão após a leitura e têm o objetivo de estabelecer paralelos entre a obra literária e as competências e habilidades específicas das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e de Ciências da Natureza. Essas atividades objetivam dar subsídios para que os estudantes possam agir em relação aos temas tratados na narrativa.

Seringal: questões econômicas

- Pergunte aos estudantes se eles identificam qual é o problema central dos seringueiros retratado na narrativa. Espera-se que eles percebam que os moradores da comunidade do Seringal Santo Antônio sobrevivem dos recursos naturais da região e resistem ao assédio de especuladores que querem comprar suas terras para abrir espaço para a pecuária, recorrendo a expedientes como o incêndio criminoso. A partir dessa reflexão inicial, peça aos estudantes que pensem em soluções para o problema retratado: Que ações inovadoras eles podem sugerir? Como chegar a soluções?⁵ Peça à turma que se organize em grupos de até seis estudantes. Combine com eles um prazo para a realização das leituras,

5 Um exemplo de ideia inovadora é o Ribon (<https://www.ribon.io>), aplicativo que permite ao usuário doar dinheiro, sem gastar, para ações sociais e ambientais. O financiamento é indireto, pela publicidade que aparece no *feed* de boas notícias sobre inovações socioambientais, bem como pela doação de fundações. Compartilhe com os estudantes alguns conteúdos que podem norteá-los em relação ao desenvolvimento da criatividade e à inovação, como as páginas a seguir:

JUNQUEIRA, Marina. Os 3 hábitos de pessoas que têm ideias inovadoras (e como se tornar uma). *Na Prática*, 13 nov. 2020. Disponível em: <https://www.napratica.org.br/ideias-inovadoras>.

CANCELA, Fabiano. O que é criatividade e tudo o que você precisa saber para se tornar mais criativo em apenas 11 passos. *Rock Content*, 10 mar. 2018. Disponível em: <https://comunidade.rockcontent.com/criatividade>. Acessos em: 14 dez. 2020.

das reflexões e, por fim, da apresentação da solução. Registre as apresentações por meio de fotos e vídeos, obtendo previamente as autorizações de uso por parte dos estudantes e de seus responsáveis. (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS201, EM13CNT203, EM13CNT206 e EM13CHS101.)

Seringueiros na cidade: questões sociais

- Leia com os estudantes a reportagem “Filhos de seringueiros enfrentam o poder das gangues”⁶, sobre um grupo de jovens da cidade de Sena Madureira (AC) que resiste à violência da polícia e do tráfico de drogas por meio da arte. Eles são filhos de seringueiros que migraram da floresta para a cidade após a queda no preço da borracha. Você pode imprimir o texto ou projetá-lo em sala de aula, se possível, para que os estudantes vejam também as fotos que o acompanham.

Peça a eles que se revezem na leitura em voz alta: cada estudante lerá um parágrafo. Após a leitura, promova uma conversa sobre o texto em três momentos. Primeiro, pergunte o que compreenderam da leitura e o que gostariam de comentar livremente a respeito. Veja se os próprios estudantes percebem que a arte pode ser um modo de resistência, e a música, um componente transformador de vidas, pelo poder da expressão e da sensibilidade. Incentive a turma a fazer conexões entre a reportagem e *Mapinguari*. O que há de comum entre a reportagem e a HQ? Elas mostram a mesma realidade? No que os conteúdos se diferenciam? (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS201, EM13CHS205, EM13CHS503 e EM13CHS101.)

Cultura de consumo

- Pergunte aos estudantes como é a relação deles com a televisão e com os aparelhos de celular. É possível comparar o uso desses dispositivos a um vício? Que efeito o consumo do conteúdo desses meios digitais pode ter em comunidades da floresta, como os seringueiros e os povos indígenas? Retome com os estudantes passagens da HQ que mostram a presença da propaganda de massa e dos produtos industrializados: o

⁶ Reportagem disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/favela-amazonia/capitulo-6.php>. Acesso em: 14 dez. 2020.

televisor carregado por José (página 12), o celular de José (páginas 19, 40 e 126), o cartaz publicitário no bar (página 55), a televisão na casa de Beto (páginas 116 e 117) e o notebook na casa de Deto, em Rio Branco (páginas 128 a 131).

A seguir, retome os quadrinhos da página 40, em que Iara diz a José que o problema não está na tecnologia em si, mas nos conteúdos propagados nela. Adiante, nas páginas 113 a 115, ela busca alertá-lo do perigo que os seringueiros correm ao ser assediados com propostas de compra de seus terrenos. Amplie a conversa sobre tecnologia para tratar também da propaganda, que frequentemente oferece estilos de vida e padrões fora da realidade da maioria da população, com efeitos deletérios na vida das comunidades rurais. Conteúdos aparentemente gratuitos, disponíveis no celular e na TV, são promovidos por pessoas e empresas que estão vendendo produtos geralmente ligados à vida urbana. Mas, como ficará evidente na visita de José a Deto, o seringueiro que migrou para Rio Branco, a promessa de felicidade nas cidades pode ser enganosa: o custo de vida nesses locais é alto, os espaços são pequenos e quentes, o entorno em geral é barulhento e, talvez mais importante, a cultura comunitária se perde.

Para encerrar a atividade, proponha uma campanha de conscientização com as famílias e amigos dos jovens. O objetivo é que todos aprendam a lidar com a tecnologia e a propaganda sem ser dominados por elas, utilizando-as de maneira consciente, integrada ao “tipo de vida” dos usuários, como afirma Iara. Lembre-os de que a educação tem papel fundamental nesse processo. (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS301 e EM13CHS303.)

Seringais e sustentabilidade

- Esta atividade é uma experiência prática para engajar a turma. Peça aos estudantes que se organizem em grupos. Providencie os materiais necessários à atividade: garrafa PET, tesoura e barbante. A ideia é organizar uma exposição para conscientizar a comunidade escolar a respeito dos materiais feitos do látex, produto originário dos seringais que serve de matéria-prima para a borracha. Dentro das garrafas PET, os grupos podem inserir ilustrações de objetos feitos de borracha, como luvas, sapatos, chaveiros, preservativos, chupetas, bicos de mamadeiras, pneus e balões de festas. Eles devem separar os produtos em dois níveis: os produtos cujo consumo é imprescindível e aqueles que podem ter seu consumo reduzido ou eliminado,

por não serem de primeira necessidade. A exposição deve informar aos espectadores que é fundamental mudar alguns hábitos, para que não esgotemos as matérias-primas nem, com isso, contribuamos para a extinção de diversas espécies devido à exploração intensiva dos recursos naturais. Alguns grupos podem se responsabilizar por criar textos sucintos que expliquem os objetos expostos. Mais uma vez vale a criatividade. Se for possível, faça um *tour* virtual em alguns espaços de exposição para que os estudantes tenham contato com diferentes formatos e objetos expostos⁷. Isso permitirá que os estudantes tenham alguns *insights* para suas ações.

- Feitos os passos sugeridos, é hora da exposição! Registre esse momento, delegue funções entre os estudantes e convide a comunidade escolar. É importante que eles tenham clareza dos objetivos de uma exposição, que deve ter uma boa curadoria⁸ do que será mostrado ao público. É preciso planejar a organização, a pesquisa e a adequação do ambiente, entre outras ações coletivas.

ALF RIBEIRO/SHUTTERSTOCK.COM



Extração do látex em seringal brasileiro. A atividade depende da floresta em pé, por isso os seringueiros se tornaram defensores do meio ambiente.

7 Algumas sugestões de visitas virtuais são o Instituto Inhotim (<https://artsandculture.google.com/partner/inhotim>), a exposição *Pratodomundo*, do Museu do Amanhã (<https://museudoamanha.org.br/tourvirtualpratodomundo>), a coleção MASP Rhodia (<https://artsandculture.google.com/exhibit/arte-na-moda-cole%C3%A7%C3%A3o-masp-rhodia/zAly8-9KE1p4JQ>) e a exposição *Niño de Elche*, do Museu Reina Sofía (<https://www.museoreinasofia.es/en/exhibitions/nino-elche>). Acessos em: 14 dez. 2020.

8 Leia mais sobre curadoria em:

AQUINO, Débora. O professor do futuro é um curador. *Entretanto*, 13 maio 2020. Disponível em: <https://entretantoeducacao.com.br/professor/o-professor-do-futuro-e-um-curador>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CORTELLA, Mario Sergio; DIMENSTEIN, Gilberto. *A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!* Campinas: Papyrus, 2016.

Durante a exposição, organize um debate com os estudantes e a comunidade escolar com base nas seguintes perguntas: Qual é o impacto ambiental da produção do látex? O que é mais destrutivo: o látex extraído pelos seringueiros ou a criação de gado que outros personagens da história pretendem implantar no mesmo local? Qual é a diferença entre o látex natural e o artificial? Qual é a relação histórica entre os seringueiros, ou seringalistas, e a defesa do meio ambiente? Mencione a figura de Chico Mendes e do movimento dos seringueiros no Acre, que chamou a atenção do mundo e lutou com sucesso pela criação de reservas extrativistas no Brasil, áreas que aliam a extração de recursos naturais à preservação da floresta. (Habilidades de referência da BNCC: EM13CHS301 e EM13CHS302.)

APROFUNDAMENTO

A BNCC indica de forma precisa a relevância da literatura no desenvolvimento da aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Médio. Destaca, ainda, a importância de colocar o texto literário como “ponto de partida para o trabalho com a literatura” (BRASIL, 2018, p. 499) e de intensificar o convívio dos estudantes com a leitura desses textos.

Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando (BRASIL, 2018, p. 499).

A proposta da BNCC para o Ensino Médio define a progressão das aprendizagens e habilidades em relação ao que já foi trabalhado no Ensino Fundamental, tendo como eixos de integração as práticas de linguagem: “leitura, produção de textos, oralidade (escuta e produção oral) e análise linguística/semiótica” (BRASIL, 2018, p. 500). Os campos de atuação social propostos para contextualizar as práticas de linguagem em Língua Portuguesa no Ensino Médio são os da vida pessoal, artístico-literário, das práticas de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático e de atuação na vida pública.

Especificamente em relação ao campo artístico-literário, a BNCC considera que se deve ampliar o contato e incentivar uma análise mais fundamentada dos estudantes das diversas manifestações artísticas e culturais:

[...] Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de produções cinematográficas e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, *videominutos*, *fanfics* etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas.

A escrita literária, por sua vez, ainda que não seja o foco central do componente de Língua Portuguesa, também se mostra rica em possibilidades expressivas. Já exercitada no Ensino Fundamental, pode ser ampliada e aprofundada no Ensino Médio, aproveitando o interesse de muitos jovens por manifestações esteticamente organizadas comuns às culturas juvenis. O que está em questão nesse tipo de escrita não é informar, ensinar ou simplesmente comunicar. O exercício literário inclui também a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade e envolve reinventar, questionar e descobrir-se. Sendo assim, ele é uma função importante em termos de elaboração da subjetividade e das inter-relações pessoais. Nesse sentido, o desenvolvimento de textos construídos esteticamente – no âmbito dos mais diferentes gêneros – pode propiciar a exploração de emoções, sentimentos e ideias que não encontram lugar em outros gêneros não literários (e que, por isso, devem ser explorados) (BRASIL, 2018, p. 503-504).

Apresentamos a seguir um aprofundamento de questões abordadas nas atividades propostas anteriormente, como apoio para a preparação de aulas e atividades que explorem a potencialidade da obra com a turma. Considerando que *Mapinguari* é uma história em quadrinhos, iniciamos com uma reflexão sobre as características desse gênero literário que emprega a narrativa verbo-visual e tem grande apelo entre os jovens.

Histórias em quadrinhos: romance gráfico?

A história em quadrinhos é um gênero literário. Em inglês, usa-se o nome *graphic novel* para designar a HQ publicada como uma única história, complexa e cheia de episódios – uma narrativa sequencial longa. Em português, muitas vezes esse termo é traduzido como romance gráfico. Mas uma HQ é um romance? Em

termos de estrutura composicional, tanto a HQ quanto o romance apresentam personagens, enredo, tempo cronológico e/ou psicológico, enredo e espaço, os elementos básicos da narrativa literária. Essa é a primeira semelhança entre os dois gêneros. Outra característica em comum é o objetivo de contar uma história, linear ou não.

Há duas diferenças significativas entre os gêneros: a quantidade de texto escrito e o uso de arte gráfica. Embora existam romances com ilustrações, elas são vistas como elementos secundários em relação ao texto, que tem a função narrativa principal. Portanto, o que prevalece é o texto escrito, a linguagem verbal. Já nas histórias em quadrinhos, o texto não verbal é elemento fundamental para sua composição. Por isso, a linguagem verbal é parceira da arte gráfica e tem seu espaço restrito por ela, em balões de fala e recordatórios narrativos.

Essa parceria entre texto e imagem é o que caracteriza uma HQ. Juntos, eles criam uma receita poderosa: a narrativa verbo-visual. A história é conduzida tanto pelo texto escrito quanto pelo texto visual, os quadros (ou quadrinhos) feitos de palavras e imagem, apresentando uma arte sequencial. Esse nome se refere à sequência de quadrinhos, que fornecem o ritmo da narrativa.

Aliás, tão importantes quanto os quadros são os espaços entre eles, que delineiam os intervalos de tempo e espaço entre uma cena e outra. Quando, no fim da página 79, vemos o antigo cacique dizer: “E posso te garantir que você não conheceu ela de verdade”, referindo-se a Rita, e na página seguinte vemos uma cena diferente, conseguimos entender que a narrativa começou a mostrar a história da vida de Rita, contada pelo cacique. O tempo e o espaço mudaram no salto de um quadrinho para o outro sem que fosse necessário dizer isso de modo explícito. A caracterização visual e o texto permitem que a gente compreenda essa mudança.

Segundo o grande autor estadunidense de HQ Will Eisner,

A função fundamental da arte dos quadrinhos, que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a *captura* ou o encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos, que não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos. São parte do processo criativo, mais do que resultado de uma tecnologia (EISNER, 2010, p. 39).

Na linguagem da história em quadrinhos, o texto é reduzido e ocupa lugares específicos: recordatórios e legendas, que apresentam a voz do narrador; balões de fala, que formam os diálogos; balões de pensamento, que representam, como o próprio nome indica, o que os personagens estão pensando. Além disso, há composições gráficas de texto verbal (*lettering*), como nas onomatopeias, palavras que invadem o espaço do desenho para representar os sons de cada cena. A descrição física de cenários e pessoas, que num romance poderia ser feita por um narrador, é incorporada pelo desenho. A ilustração também trabalha a comunicação não verbal (expressões faciais e gestos corporais), que pode ser criada a partir das descrições narrativas e até mesmo de algumas falas do texto original.

Romance e história em quadrinhos são linguagens distintas que podem participar igualmente do repertório de um jovem leitor, ampliando suas habilidades de leitura e sua compreensão de mundo. A complexidade da leitura dos quadrinhos reside na compreensão da narrativa e das digressões, da interação dos personagens com os cenários, da combinação dos textos verbais e visuais. O leitor precisa dominar a leitura de imagens para compreender, por exemplo, diferentes expressões faciais dos personagens e seus significados, bem como a leitura de onomatopeias.

As características da linguagem tradicional das histórias em quadrinhos são assim definidas por Glayci Kelli Reis da Silva Xavier:

- as histórias em quadrinhos possuem linguagem autônoma e utilizam mecanismos próprios para representar os elementos narrativos;
- nos gêneros em quadrinhos predomina o modo de organização narrativo, mas os outros modos também podem ser encontrados, tanto no texto verbal quanto no visual;
- a fala e o pensamento das personagens geralmente aparecem em balões, que simulam o discurso direto e a língua oral;
- as histórias normalmente giram em torno de um personagem, que pode ser fixo ou não, e que conduz a ação;
- as histórias são recheadas de “metáforas visuais” (XAVIER, 2017, p. 11).

Essa narrativa combinada de texto verbal e visual, ou mesmo composta apenas de imagens sequenciais sem palavras, que ocorre em algumas páginas de

Mapinguari, apresenta um tipo de comunicação específica que, muitas vezes, é impossível reproduzir em outra linguagem.

Um quadrinho chamado *Mapinguari*

Em nossas andanças pela maior floresta tropical do planeta, ouvimos histórias de superação, de esperança, de desespero e de horror. Entramos em contato com relatos que juntam mobilização social, biodiversidade, transformações tecnológicas, luta por políticas públicas, impacto das mudanças climáticas, mas que são, acima de tudo, histórias de vidas.

“Temperando” essas narrativas, estão os aspectos mais básicos da vida humana: os mitos e lendas, os nascimentos, as mortes, as festas de santos, os aniversários, as celebrações populares, e as pessoas que vão e vêm das diversas comunidades que vivem na floresta (MELLO, 2018, p. 5).

Assim surgiu a história em quadrinhos *Mapinguari*, nas palavras de Ricardo Mello, gerente do WWF-Brasil para Amazônia, em 2018. A originalidade da obra está na versatilidade da dupla André Miranda e Gabriel Góes, que captou a essência de um povo e que, segundo o editor Guilherme K. Noronha, apresenta uma “história de ficção inspirada em histórias reais de pessoas e famílias que vivem dentro da floresta amazônica” (NORONHA, 2018, p. 7).

De acordo com Ciro Inácio Marcondes, doutor em comunicação e editor do blog de quadrinhos *Raio Laser*, a

expertise cinematográfica de André Miranda, roteirista e cineasta, no texto de *Mapinguari* [...] aparece não só na imaginação de Góes, que é potencializada por uma espécie de “direção de arte” preocupada com o aspecto de cada minúcia das ilustrações, mas também no grande cuidado com os arcos dramáticos de cada personagem, desenvolvidos como em roteiros de cinema. *Mapinguari*, aliás, é também excitante nos diálogos bem calculados, sem traços de estereótipos, que sustentam os dramas (semelhantes às tragédias da antiguidade clássica) que vão se sucedendo em três gerações da mesma família. São histórias que transcorrem em *flashbacks* bem-feitos e sonhos significativos (MARCONDES, 2018, p. 11).

Ao professor, fica o desafio: tornar a leitura de um texto como história em quadrinhos mais prazerosa e envolvente, o que pode acontecer na leitura de partes

do enredo com os estudantes. Instigue a curiosidade deles, relacione trechos da obra com alguns acontecimentos próximos à realidade deles, deixe-os ler algum trecho e comentar ou não a respeito.

Mapinguari e o folclore nacional

Flavio Colin é uma das referências dos artistas brasileiros que criaram *Mapinguari*. Ele fez estudos da cultura brasileira que culminaram com a produção da obra *Mapinguari e outras histórias*, publicada postumamente em 2003. Fruto de uma pesquisa sobre a região amazônica, apresenta o folclore regional por meio do personagem mapinguari, animal lendário dessa região.

Vejamos o que diz a esse respeito Marcondes:

O folclore brasileiro e a cultura indígena sempre estiveram presentes no quadrinho nacional, graças aos esforços que remetem a Angelo Agostini, passando por Ziraldo, Mauricio de Sousa, Mozart Couto e tantos outros. Até mesmo o gênio italiano Hugo Pratt se encantou com os mistérios nacionais.

O que Gabriel Góes e André Miranda trazem aqui, porém, tem vários graus de ineditismo e inovação. Com personalidade e introversão, somos apresentados, em *Mapinguari*, a um mapeamento social, visual e psicológico das capitais e do interior destas sociedades amazônicas. Essa abordagem não guarda lugar para ingenuidades, e as histórias em quadrinhos aparecem como uma mídia afiada para dar conta dessa representação.

De certa forma, *Mapinguari* está na linhagem da ótima adaptação que os gêmeos Gabriel Bá e Fábio Moon fizeram em 2015 de *Dois irmãos*, a obra-prima manauara de Milton Hatoum. Ambas as histórias se passam no mormaço dos rios da Amazônia, e lidam com a complexidade de gerações de famílias crescidas nas ambiguidades do ainda misterioso (para o resto do Brasil) grande Norte. Entretanto, Góes e Miranda estão trabalhando com um roteiro inteiramente original. Nunca indicada diretamente, a preocupação social/ecológica deste quadrinho, que poderia ser didática ou piegas, é perfeitamente inserida em várias camadas de leitura, estando presente em cada desenho e cada ação da narrativa. Seria interessante lembrar que *Mapinguari*, ao mesmo tempo, dialoga fortemente com o trabalho de um “monstro sagrado” dos quadrinhos brasileiros: Flavio Colin (falecido em 2002), que, em suas últimas obras, dedicou-se a investigar a cultura e o folclore amazônicos, sempre investindo em questões ecológicas e políticas. Curioso é pensar que Colin também produziu, nos anos 1990 e publicada postumamente, uma história chamada “Mapinguari”. Ali, a

mesma criatura metaforizada por Góes e Miranda aparece para devorar (e depois vomitar, enojado) o cérebro de um cientista estrangeiro que chega à Amazônia com um projeto para construir um *shopping center* dentro de um lago artificial no meio do Xingu (MARCONDES, 2018, p. 10).

Flavio Colin, Rachel de Queiroz, Câmara Cascudo, Girotto Brito, Antonio Juraci Siqueira, José Coutinho de Oliveira, Ermanno Stradelli e José Carlos Matos Pereira: todos esses autores já escreveram sobre a lenda do mapinguari e a região amazônica. Há ainda diversas publicações na internet (veja mais informações nas Referências complementares). A significativa quantidade de publicações ratifica a importância das produções nacionais acerca dos temas e mostra a diversidade e a riqueza da cultura brasileira não só para o povo ou para os estudiosos, mas também para nações estrangeiras.

Essa variedade de abordagens sobre a cultura amazônica e, portanto, brasileira evidencia e corrobora sua autenticidade e seus valores imateriais para todas as gerações, o que resulta, em âmbito educacional, em ganhos significativos para os estudantes do Ensino Médio.

Mencionar a pluralidade de vozes até aqui apresentada permite oferecer aos estudantes um mapa de estudos sobre a temática amazônica e suas lendas por meio de textos em prosa e poesia, das artes plásticas, da música e de outras manifestações culturais e sociais.

A lenda mapinguari na HQ

Mapinguari é o monstro mais conhecido do folclore amazônico. Coberto de pelos grossos à prova de bala, ele tem as mãos compridas com garras e pés cascados virados para trás, como o Curupira. A boca é enorme e vai do nariz até o estômago, além de ser muito malcheirosa. Ainda,

Ele mata para comer, pois sua fome nunca acaba, e é considerado o maior inimigo do homem, um verdadeiro demônio do mal. Ao contrário de muitos monstros, não ataca à noite – pois ele dorme –, mas sim de dia, quando há penumbra. O ponto fraco do Mapinguari é o umbigo, para machucá-lo deve-se atingi-lo ali.

Ele anuncia sua chegada berrando e urrando alto. Quando pega algum caçador, coloca-o embaixo do braço e mete a cabeça do homem dentro de sua barriga para ir mastigando-a aos poucos (aliás, o Mapinguari só devora a cabeça das pessoas, nunca seu corpo inteiro) (ALVES, 2017, p. 238-240).

Esse ser tenebroso não é o protagonista de *Mapinguari* – a bem da verdade, ele quase não aparece na HQ. E, quando surge, é cada vez de uma forma, pois o ilustrador escolheu variar a representação do monstro ao longo da narrativa, como nos relatos do folclore, que fazem descrições diferentes dele.

Então, por que a obra tem esse título?

As análises feitas até aqui, sobre a narrativa, a linguagem dos quadrinhos, os gêneros literários da HQ e do romance e o trabalho dos autores, nos ajudam a compreender esse ponto. Recorremos mais uma vez a *Ciro Inácio Marcondes*:

Esta HQ [...] investe forte, ao mesmo tempo, no bruto realismo da inevitável vida de seus protagonistas e em uma leitura alegórica não tão facilmente perceptível. Mas não se engane: é esta última leitura que prevalece (MARCONDES, 2018, p. 11).

Marcondes diz, portanto, que a leitura alegórica da obra é mais forte do que a leitura realista, da vida dura dos seringueiros. Alegoria é um recurso de linguagem muito usado na literatura, que representa ideias de forma figurada. E qual é a leitura alegórica em *Mapinguari*? É a leitura do imaginário das pessoas que permeia a narrativa: os sonhos de José, as histórias do povo do seringal, a experiência ritualística e, sim, o mapinguari.

Tudo isso quer dizer que, embora apareça pouco, ele é da maior importância. Ainda segundo Marcondes,

A lenda do mapinguari tem uma forte reverberação simbólica nesta sólida história trazida para nós na forma de romance gráfico por Gabriel Góes e André Miranda. A criatura desfigurada das selvas, que, segundo Câmara Cascudo, “é o mais popular dos monstros da Amazônia”, seria o resultado de uma espécie de pacto fáustico realizado por um indígena em busca da eternidade. Ele teria conseguido o que queria, mas acabou se transformando numa abominação devoradora de cérebros, coberta de pelo espesso, garras, pés tortos, odor insuportável e uma bocarra no meio da barriga. Coisa de pesadelos que teria sido inspirada no animal *eremotherium*, a preguiça-gigante que habitou o Brasil pré-histórico. O mapinguari desta história em quadrinhos, defensor das matas, transforma-se em metáfora para combater o verdadeiro monstro que engole a Floresta Amazônica desde o primeiro ciclo da borracha. São cavaleiros do apocalipse: desmatamento, latifundiários, desapropriação, extinção. Nesse sentido, a caça ao monstro se torna jogo intrincado envolvendo várias peças no cenário

amazônico atual (sem que a história determine com precisão a localidade): seringueiros, investidores estrangeiros, coronéis, atravessadores, traficantes, fazendeiros, agricultores. O mapinguari, ao mesmo tempo benevolente e aterrador, é um monstro-síntese da complexidade mítica desses povos que habitam a região, em oposição à máquina de ganância propulsionada pelo desenvolvimentismo pós-industrial: é Moby Dick, é Cthulhu, é o Leviatã. Monstros simbólicos que representam o inexorável da força natural, para além do bem e do mal (MARCONDES, 2018, p. 9).

As breves aparições do mapinguari são representativas, portanto, apesar de o foco não ser falar sobre a figura, porque jogam luz nos problemas enfrentados pelos seringueiros, seus modos de subsistência, sua luta para garantir seu pedaço de terra e, com isso, sua identidade. E, quando José encontra o mapinguari de verdade, faz exatamente o que o pai dele disse na última vez em que estiveram juntos: vai embora. Essa cena, assim, estabelece um elo entre pai e filho, selando o retorno de José à sua terra, agora em nova condição. O papel do mapinguari é, acima de tudo, simbólico.

Seringueiros em defesa da mata

A narrativa de *Mapinguari* traz à tona as relações entre sociedade e natureza, entre avanços e retrocessos sociais, políticos, culturais e tecnológicos. A discussão sobre a ocupação da região amazônica não deve sair da pauta das questões nacionais, haja vista a conscientização crescente dos brasileiros a respeito dos problemas ambientais. No Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), por exemplo, o tema é frequentemente abordado⁹.

Falar de Amazônia, do interior do Acre e de seus seringais é falar de sustentabilidade, de preservação do meio ambiente. O primeiro grande defensor da Amazônia e dos povos da região a se tornar célebre no mundo todo foi o líder seringueiro Chico Mendes, nascido em 15 de dezembro de 1944. Ele lutava tanto por melhores condições de vida para os que trabalhavam na extração da borracha quanto pela preservação da floresta. Assim como Francelino e Beto,

9 Algumas sugestões de páginas que abordam os mitos amazônicos: CONHEÇA as lendas e mitos da Amazônia. *Portal Amazônia*, 11 jan. 2018. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/conheca-as-lendas-e-mitos-da-amazonia>.

FERNANDES, Bruna. Amazônia no Enem: Saiba mais sobre o folclore amazônico. *Blog do QG*, 25 ago. 2016. Disponível em: <https://blog.enem.com.br/amazonia-no-enem>. Acessos em: 17 dez. 2020.

personagens de *Mapinguari*, Mendes aprendeu a extrair látex ainda criança. Com 8 anos, acompanhava o pai nos seringais e, com 11 anos, já fazia extração. Chico Mendes tomou consciência de diversos assuntos do Brasil e da condição em que seu povo vivia ao ter contato com Euclides Fernandes Távora, aliado de Luís Carlos Prestes que se escondeu na Amazônia para fugir da perseguição política do governo Getúlio Vargas. Já nos anos 1970, Mendes foi eleito vereador e fundou o primeiro sindicato do Acre. Em 1985 liderou o 1º Encontro Nacional de Seringueiros, no qual foi fundada a União dos Povos da Floresta, que agregava indígenas e seringueiros e se destacou na defesa de seu povo e do meio ambiente. Na luta contra o desmatamento e o avanço da pecuária, adotou táticas pacíficas de resistência denominadas “empates”. Chamou a atenção do mundo: deu palestras em universidades estrangeiras, concedeu entrevistas a jornais de todo o mundo e ganhou o prêmio Global 500, dado pela Organização das Nações Unidas (ONU) a pessoas que se destacam na defesa do meio ambiente. Em 22 de dezembro de 1988, foi assassinado a mando de um grileiro, agente criminoso que ocupa terras com títulos de posse falsificados. Mas a mensagem que deixou e o movimento que iniciou se espalharam pelo mundo, ganhando corações e mentes até hoje. O legado de Chico Mendes tem sido cada vez mais importante¹⁰.

Em texto publicado na primeira edição, Ricardo Mello, gerente do WWF-Brasil para Amazônia, afirma que o enredo de *Mapinguari*

foi baseado em diversas das nossas vivências ocorridas no estado do Acre – lugar simbólico para o movimento socioambientalista brasileiro, terra de Chico Mendes e ainda hoje um canto ‘exótico’ da Amazônia, repleto de mistérios e curiosidades.

Nos últimos seis anos, mais de três mil alunos das cidades de Feijó e Tarauacá estiveram conosco em projetos de educação ambiental – construindo cartas, jogos, livros e guias; e refletindo sobre como promover a conservação da natureza e a melhoria da qualidade de vida das comunidades amazônicas.

Consideramos que esta HQ vai complementar muitas das discussões feitas com essas crianças e jovens; além de ajudá-los a refletir e transmitir para outros a realidade em que estão inseridos e onde em breve vão atuar como

10 Para mais informações sobre a importância de Chico Mendes e sua luta pela floresta, veja: TRAD, Ayana. Em luta pela floresta quase perdida. *Desafios do Desenvolvimento*, n. 77, ano 10, out. 2013. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2937. Acesso em: 17 dez. 2020.

protagonistas e condutores do futuro das populações tradicionais e ribeirinhas (MELLO, 2018, p. 6).

É necessário um trabalho interdisciplinar para ler e interpretar as muitas camadas de *Mapinguari*. Os componentes Geografia, Sociologia e Biologia podem trabalhar em conjunto, para potencializar as atividades práticas e reflexivas.

Sustentabilidade sem descuidar do sustento

Há atividades e jeitos de fazer (manejos) sustentáveis, que preservam a floresta enquanto extraem os recursos necessários para a atividade econômica. A borracha provém do látex, matéria-prima extraída da seringueira, como vimos em *Mapinguari*. Ao contrário das outras *commodities* citadas, ela permite que a floresta se mantenha em pé – aliás, depende dela. Como vemos nas belas imagens da HQ, o seringueiro faz um corte raso na árvore para extrair o látex (“cortar seringa”, como eles dizem), um líquido geralmente esbranquiçado e viscoso que circula no interior da planta. Sua extração não prejudica a árvore; por isso, a seringueira continua viva após a extração e dará látex por muito tempo. É por isso que o movimento seringalista defende a bandeira ambiental. Os seringueiros dependem da floresta em pé para fazer seu trabalho.

Outra atividade econômica de extração que aparece na história é o manejo do açaí. Essa também é uma alternativa de renda sustentável, pois extrai o fruto do açaizeiro, que é uma palmeira, deixando-o em pé com o resto da floresta. Aliás, com a biodiversidade o açaizeiro produz até mais. Esse manejo ganhou o nome de manejaí. Segundo o técnico da Embrapa José Antônio Leite, “com o aumento da biodiversidade por meio da técnica de manejo sustentável, a capacidade de produção das comunidades [de Marajó, no Pará] pode passar de uma para seis toneladas de açaí” (PNUD, 2020).

Em outro trecho da narrativa, quando José se recupera de sua experiência ritualística, recebe farofa de pirarucu para comer de um indígena, que diz:

SEGIOROCHA/SHUTTERSTOCK.COM



O pirarucu, um dos maiores peixes de água doce do mundo, habita os rios amazônicos. O manejo sustentável da pesca é fonte de renda para milhares de ribeirinhos.

“A gente faz manejo dos peixes aqui no rio” (página 76). Está aí mais uma iniciativa econômica interessante: a pesca sustentável do pirarucu, que fornece renda para comunidades ribeirinhas no interior da Amazônia¹¹.

Além do manejo econômico sustentável, não podemos nos esquecer da cultura dos povos nativos da região, que são os grandes guardiões da floresta. Imagens de satélite mostram que a preservação da floresta nas terras indígenas é maior do que a de unidades de conservação onde não há ocupação por esses povos. Com respeito, os povos ancestrais da nossa terra conseguem obter aquilo de que necessitam para subsistir sem destruir florestas nem envenenar rios. Por isso, o território indígena não é “terra a menos” para o país que precisa prosperar, mas sim uma garantia de benefício ambiental: “Assegurar o direito à terra é essencial para proteger a rica diversidade cultural e biológica dentro das terras indígenas” (BEGOTTI, 2020). Vale reforçar esse ponto: “diversidade **cultural** e biológica”. Além de toda a diversidade ecológica do bioma amazônico, há uma diversidade de povos indígenas, ribeirinhos e demais comunidades humanas na floresta que não resistirá se ela for destruída.

Para saber mais sobre formas de extrair riquezas naturais sem prejudicar a natureza, ou até ajudando-a com o reflorestamento, sugerimos pesquisar sobre o sistema agroflorestal, que, como o nome diz, associa a produção agrícola ao plantio de floresta.

Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Quando se fala em preservação do meio ambiente e sustentabilidade, é imprescindível relacioná-las aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS¹²) e suas 169 metas associadas. Em setembro de 2015, os 193 Estados-membros da ONU se comprometeram com esse plano, a fim de “erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta” (PNUD; IPEA, s/d).

11 FREITAS, Júlia de. Em 2019, manejo de pirarucu teve aumento de 26% na produção de pescado. *Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá*, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www.mamiraua.org.br/noticias/manejo-pirarucu-teve-aumento-na-producao-pescado>. Acesso em: 27 nov. 2020.

12 Saiba mais sobre os ODS no vídeo: OBJETIVOS Globais da ONU: A maior lição do mundo. Produção: ONU Brasil. 26 set. 2015. Disponível em: <https://youtu.be/MKH97nZXRys>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Esses Objetivos fazem parte de Agenda 2030 da ONU, que prevê uma revisão dos padrões de consumo, de atitudes, de relações sociais, ambientais e econômicas atuais em busca de um estilo de vida, pensamentos e ações mais sustentáveis até 2030.

Convém trazer os ODS para o currículo escolar, tendo em vista as transformações urgentes que eles ensejam. Para essas ações ocorrerem, os objetivos precisam ser conhecidos pelos estudantes e pela comunidade escolar. Ao se tratar da HQ *Mapinguari*, muitos desses Objetivos podem ser trazidos para a reflexão: agricultura sustentável (ODS 2), trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8), redução das desigualdades (ODS 10), saúde e bem-estar (ODS 3), comunidades sustentáveis (ODS 11) e vida terrestre (ODS 15). Eles podem ser trabalhados com os estudantes em diferentes situações e espaços de aprendizagem.

É relevante inserir as juventudes nesse diálogo com a Agenda 2030 e também lhes dar voz constante, a fim de que se manifestem crítica e conscientemente sobre o seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Livros

Versões de Mapinguari

A lenda amazônica de *Mapinguari* apresenta muitas versões, tendo em vista que pertence ao imaginário popular, assim, costuma ganhar novas roupagens, uma das características da cultura oriunda da tradição oral. Prova disso são as publicações sobre essa lenda que vêm dos escritos de Flavio Colin (mais informações a seguir), Rachel de Queiroz, Girotto Brito e Antonio Juraci Siqueira, para citar alguns. De Colin e Queiroz, há narrativas com o mesmo nome (*Mapinguari*); de Brito, tem-se *Terror na Amazônia* (2020); da poesia marajoara vem Antonio Juraci Siqueira, que em sua antologia *Incêndios e naufrágios* faz menção à lenda do mapinguari.

A leitura de *Imaginário amazônico*, de José Coutinho de Oliveira, oferece análises e explicações sobre os mistérios da terra e da gente amazônica. Além dele, outros nomes contribuíram para a difusão das culturas da região, tais como artistas plásticos, fotógrafos, etnógrafos e outros exploradores brasileiros e estrangeiros. Dois exemplos são o italiano Ermanno Stradelli, autor de *Lendas e notas de viagem* (2009), e o acadêmico brasileiro José Carlos

Matos Pereira, de *Amazônia: a fala do desenvolvimento e os modos de vida da cidade*¹³ (2019).

Mapinguari e outras histórias. Flavio Colin. Opera Graphica, 2003.

História em quadrinhos que traz cinco narrativas ilustradas, entre elas a que apresenta a lenda amazônica do mapinguari. Um dos mais renomados quadrinistas brasileiros dedicou-se aqui a pesquisar o folclore nacional, apresentando uma crítica ácida a grupos e indivíduos poderosos em seus esforços desmedidos para lucrar cada vez mais.

Câmara Cascudo

Luís da Câmara Cascudo é talvez o maior folclorista nacional. Ele publicou uma extensa obra baseada em pesquisa sobre o folclore brasileiro, da qual selecionamos alguns títulos a seguir, além de ter tratado de literatura, religião, geografia e outros temas. Segundo Cascudo, a obra de folclore é o saber mais genuíno de um povo. Essa definição de folclore aparece em *Folclore do Brasil*: “Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio [...] milenar e contemporâneo [...] é o folclore”.

Na *Geografia dos mitos brasileiros*, em “Ciclos dos Monstros”, Câmara Cascudo descreve o mapinguari.

Dicionário do folclore brasileiro. Luís da Câmara Cascudo. Global, 2012.

Contos tradicionais do Brasil para jovens. Luís da Câmara Cascudo. Global, 2015.

Geografia dos mitos brasileiros. Luís da Câmara Cascudo. Global, 2002.

Folclore do Brasil. Luís da Câmara Cascudo. Global, 2017.

13 Este artigo apresenta mais informações sobre o universo literário amazônico: SANTOS, Maria Paula. Conheça leituras indispensáveis de autores amazonenses que fazem sucesso dentro e fora da região. *Portal Amazônia*, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://portalamazonia.com/noticias/educacao/conheca-leituras-indispensaveis-de-autores-amazonenses-que-fazem-sucesso-dentro-e-fora-da-regiao>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Outras referências

Desenvolvimento sustentável: das origens à agenda 2030. José Carlos Barbieri. Vozes, 2020.

Este livro analisa o desenvolvimento sustentável, de seu surgimento até o momento atual, que tem na Agenda 2030 – resultado de um acordo com 193 Estados-membros da ONU – sua aposta mais ambiciosa. A Agenda contém 17 objetivos e 169 metas sobre erradicação da pobreza, igualdade de gênero, educação, saúde, água, saneamento, energia, mudança do clima, proteção aos ecossistemas e outras questões que precisam ser enfrentadas com urgência, a fim de transformar o nosso mundo, e a nós mesmos, para que o planeta seja a casa de todos. O livro apresenta os pontos centrais da Agenda e como eles se relacionam com a evolução e consolidação dos entendimentos sobre desenvolvimento sustentável. Também discute a sua adequação à realidade brasileira.

Dois irmãos. Milton Hatoum, Fábio Moon e Gabriel Bá. Companhia das Letras, 2015.

Milton Hatoum é de Manaus e apresenta, em *Dois irmãos*, alguns aspectos culturais, sociais e econômicos dessa região que não é retratada com frequência em narrativas brasileiras. Em comum com *Mapinguari*, há a alusão aos seringais, que ainda movem a economia do lugar. A narrativa foi adaptada para história em quadrinhos pela talentosa dupla Fábio Moon e Gabriel Bá.

Uma viagem através do folclore brasileiro. Israel Foguel. São Paulo: Clube de Autores, 2016.

Nesta obra, Israel Foguel apresenta mitos, lendas, comidas típicas e músicas do folclore brasileiro. Nas páginas 110-111, há uma descrição do mapinguari.

Vamos falar o acreanês. Pedro Ranzi. Edufac, 2017.

Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/vamor-falar-o-acreanes.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Este livro é um misto de dicionário e expressões regionais do acriano, cuja linguagem é influenciada por imigrantes nordestinos que vieram trabalhar nos seringais, assim como outras vozes de múltiplas origens.

Pesquisa científica

Mulheres no seringal: experiência, trabalho e muitas histórias. Agda Lima Brito. Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2158.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Esta dissertação documenta a história de mulheres que viveram nos seringais, nascidas na região da Amazônia ou migrantes geralmente nordestinas, entre 1940 e 1950. A pesquisa foca no mundo do trabalho, mas abarca também alimentação, práticas de cura, realização de partos e celebração de festas.

Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o mapinguari no sudoeste amazônico. Felipe Ferreira Vander Velden. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 1, Belém, jan.-abr. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1981-81222016000100209. Acesso em: 4 dez. 2020.

O artigo investiga os relatos do mapinguari pelo povo caritiana, que fala ariquéim (língua do tronco tupi) e habita o estado de Rondônia. Se o monstro vem sendo tratado pela literatura como exemplo de crença ou de folclore, para os caritianas não parece haver dúvidas sobre sua existência – ou seja, não parece se tratar de uma crença, mas de um dado real para essa etnia.

Reportagem

Os 80 anos do velho seringueiro. Flaviano Schneider. *Página 20*, 7 fev. 2008. Disponível em: <https://www.indios.org.br/pt/Not%C3%ADcias?id=52567>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Perfil de Antônio de Paula, um dos pioneiros na luta a favor dos seringueiros e grande defensor da reserva extrativista do Alto Juruá, que ajudou a criar.

Sites

Folclorando

<https://folclorando.com.br>

Autodenominada maior página de folclore do Brasil, procura ser uma enciclopédia *on-line* de lendas e personagens. Apresenta dois textos sobre o mapinguari: “Mapinguari”, verbete sobre o ser folclórico baseado na descrição de Câmara Cascudo em *Geografia dos mitos brasileiros*, disponível em: <https://folclorando.com.br/mapinguari/>; e “Mapinguari: nascença ou transformação?”,

que discute a possibilidade de alguém tornar-se mapinguari (a conclusão é negativa, pois ele “é o tipo de monstro que já nasce monstro”), disponível em: <https://folclorando.com.br/mapinguari-nascenca-ou-transformacao/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Memorial Chico Mendes

<http://www.memorialchicomendes.org/>

Site do memorial criado em 1996 pelo Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS, antigo Conselho Nacional dos Seringueiros) com o objetivo de divulgar as ideias de Chico Mendes dentro e fora do país, bem como apoiar as comunidades agroextrativistas do Brasil, com assessoria técnica e influência nas políticas públicas para o meio ambiente e o extrativismo. Apresenta a biografia do líder seringueiro em: <http://www.memorialchicomendes.org/chico-mendes>. Acesso em: 15 dez. 2020.

My Creature Now: Criaturas Mitológicas e Lendas Urbanas

<https://www.mycreaturenow.com/>

Blog criado pelo escritor e ilustrador Caio Sales sobre mitos e lendas do mundo todo, em diálogo com o mundo dos quadrinhos, a literatura fantástica e a cultura *pop*. A proposta é apresentar sobretudo as mitologias menos conhecidas, para fomentar a diversidade cultural. O texto sobre o mapinguari está disponível em: <https://www.mycreaturenow.com/2020/04/mapinguari-folclore-brasileiro.html>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Mythos e Masmorras

<https://mythosemasmorras.wordpress.com>

Blog criado por Adyson Abreu, fã de RPG e de narrativas de terror e ficção científica. As publicações dizem respeito a filmes, livros e reportagens, com o foco de adaptar os mitos e fatos ao universo do RPG. Há um texto sobre o mapinguari em: <https://mythosemasmorras.wordpress.com/2018/08/20/mapinguari-um-antigo-horror-da-floresta-amazonica>. Em outra publicação, Abreu adaptou mapinguari para o jogo de RPG *Old Dragon*, criando a ficha do monstro, com todas as suas características dentro do jogo (habilidades, habilidades especiais e hábitos, entre outras): <https://mythosemasmorras.wordpress.com/2018/09/03/mapinguari-o-monstro-em-old-dragon>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Filmes

A década da destruição. Episódio Chico Mendes: eu quero viver. Adrian Cowell, 1989.

Série filmada ao longo de uma década, entre 1980 e 1990, com episódios sobre garimpo, contato com povos indígenas isolados, extração de madeira, desmatamento, uso de satélite para controlar incêndios e criação de reservas extrativistas. O episódio *Chico Mendes: eu quero viver* descreve em 56 minutos a trajetória do líder seringueiro no Acre, em defesa da Amazônia. Os registros feitos entre 1985 e 1988 acompanham Chico Mendes na organização dos seringueiros em defesa da floresta, no nascimento da Aliança dos Povos da Floresta e na luta pela demarcação das primeiras reservas extrativistas na Amazônia. O filme mostra, ainda, a trama armada para seu assassinato e as repercussões desse evento no Brasil e no mundo.

Reservas extrativistas: o legado de Chico Mendes. Roberto Herrera Perez, *Jornal do Brasil*, 2019.

O repórter cinematográfico Roberto Herrera Perez rumou para a Reserva Extrativista Chico Mendes, para acompanhar o evento de trinta anos da morte de Chico Mendes. O documentário registra a vida de duas famílias de seringueiros que moram na reserva. Para minimizar a pressão econômica da pecuária, que ocupa os terrenos ao redor, essa população procura uma remuneração melhor pelos produtos florestais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c0lD8j7wn7M>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Músicas

Como nossos pais, Elis Regina, 1976.

A música “Como nossos pais”, composta por Belchior e interpretada por Elis Regina em 1976, é um clássico da MPB, porém sempre atual. Há uma relação entre a letra e *Mapinguari*, que pode ser percebida pelo leitor atento nas interações familiares entre José e Beto e seus pais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2qqN4cEpPCw>. Acesso em: 29 de out. 2020.

Reis do agronegócio, Chico César, 2015.

Chico César gravou sua composição em parceria com o letrista Carlos Rennó no álbum *Estado de poesia*. Esta crítica social e ambiental ao agronegócio brasileiro, à moda de Bob Dylan (em 11 minutos sem repetir um verso sequer), traz os seguintes versos: “Vocês que oprimem quem produz e que preserva/

[...]/Quem represente pela frente uma barreira/Seja o posseiro, o seringueiro ou o sem-terra/O extrativista, o ambientalista ou a freira”. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0mtvwidXP_4. Acesso em: 29 de out. 2020.

Obras de artes plásticas

O trabalho de Góes e Miranda dialoga com algumas publicações do escritor, músico, artista plástico e seringueiro Hélio Holanda Melo, que, com sua “poética do seringal”, já havia feito algumas reflexões sobre o tema. Compare algumas obras de Melo com imagens de floresta¹⁴ a cenas de *Mapinguari* na página 16.

Deve-se mencionar ainda Mikael Quites, artista especializado em arte conceitual para videogames. Ele tem se dedicado a pesquisar o folclore nacional e já ilustrou a lenda do mapinguari. Vale a pena assistir ao vídeo em que Quites fala sobre seu método de criação de artes inspiradas no folclore brasileiro e comenta algumas de suas recriações visuais; recomenda-se também a leitura da reportagem em que ele conta: “Vejo uma saturação do mercado em questão de temas e histórias, até mesmo pelo fato de ser sempre algo de fora, de outras culturas. O Brasil é riquíssimo e muito pouco explorado”¹⁵.

14 S'ACRE, Danilo de. Hélio Melo e a floresta do alumbramento. *Canibal Visual*, 13 dez. 2009. Disponível em: <https://danilo-canibalvisual.blogspot.com/2009/12/helio-melo-e-floresta-do-alumbramento.html>. Acesso em: 17 dez. 2020.

15 OLIVEIRA, Tom de. Artista se inspira no folclore brasileiro para criar artes conceituais. *Mapingua Nerd*, 21 dez. 2016. Disponível em: <https://www.mapinguanerd.com.br/artista-se-inspira-no-folclore-brasileiro-para-criar-artes-conceituais>.

FOLCLORE: desenhando mitos com Mikael Quites. Produção: Colecionador de Sacis (Andriolli Costa). 24 set. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5_64WCXecP0. Acessos em: 15 fev. 2021.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

Livros

ALVES, Januária Cristina. *Abecedário de personagens do folclore brasileiro*. Ilustrações de Berje. São Paulo: FTD: Edições Sesc, 2017.

Este livro reúne as figuras mais fascinantes da tradição popular brasileira, fruto de extensa pesquisa da escritora Januária Cristina Alves. Com ilustrações originais de Berje (alguns seres nunca haviam sido ilustrados antes), o texto apresenta as características físicas e psicológicas, origens e referências de vários seres que rondam o nosso imaginário.

ANDRADE, Carlos Drummond. *José*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

O quarto livro da obra poética do escritor mineiro traz apenas doze poemas, entre os quais “José” e “Viagem na família”, que inspirou Heitor Villa-Lobos a compor a canção “Poema de Itabira”.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*. Ed. rev. e atual. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Este livro se baseia num curso que Will Eisner, um dos maiores quadrinistas de todos os tempos, ministrou por muitos anos na School of Visual Arts de Nova York. Trata-se de um guia prático que apresenta os fundamentos da história em quadrinhos para o estudante e o profissional dos quadrinhos, das artes gráficas e do cinema.

GÓES, Gabriel; MIRANDA, André. *Mapinguari*. Brasília: WWF-Brasil, 2018.

Prefácios:

MARCONDES, Ciro Inácio. *Mapinguari: o folclore como revelação*.

MELLO, Ricardo. *Histórias de vida na floresta*.

NORONHA, Guilherme K. *Saga de um universo desconhecido*.

A primeira edição do *Mapinguari* de Gabriel Góes e André Miranda foi publicada pelo WWF-Brasil em 2018 com o acréscimo de textos de prefácio, referenciados ao longo deste material. Em “Mapinguari: o folclore como revelação”, o pesquisador Ciro Inácio Marcondes faz uma interessante análise da HQ de Góes e Miranda, inserindo-a na linhagem da adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá para *Dois irmãos* e colocando-a em diálogo com a produção de Flavio Colin. O texto “Saga de um universo desconhecido”, do editor Guilherme K. Noronha, apresenta o processo de criação e edição do projeto

que culminou na publicação de *Mapinguari*. E em “Histórias de vida na floresta” o gerente do WWF-Brasil para Amazônia, Ricardo Mello, apresenta a atuação de 21 anos da ONG na Amazônia brasileira e, particularmente, no Acre. Dessa experiência, surgiram vivências e relatos fundamentais para a composição do enredo da HQ, que veio complementar a educação ambiental com a linguagem artística.

Pesquisa científica

BEGOTTI, Rodrigo Anzolin. Assegurar o direito à terra é essencial para proteger a rica diversidade cultural e biológica dentro das terras indígenas. *Com Ciência*, dossiê 218, jun. 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/assegurar-o-direito-a-terra-e-essencial-para-protoger-a-rica-diversidade-cultural-e-biologica-dentro-das-terras-indigenas/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

O texto do doutor em Recursos Florestais pela ESALQ-USP expõe um breve histórico da relação entre Estado e povos indígenas no Brasil e apresenta as demarcações como forma de proteger a diversidade cultural e biológica das áreas onde eles habitam, demonstrada com diversos dados.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. *Darandina Revisteletrônica – UFJF*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, dez. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2018/01/Artigo-Glayci-Xavier.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

O artigo da professora de Língua Portuguesa e doutora em Estudos de Linguagem pela UFF busca traçar um panorama geral das histórias em quadrinhos, abordando as principais características do gênero, que emergem da verbo-visualidade, e o trabalho com HQs em sala de aula.

Reportagens

NOSSA, Leonencio; SAMPAIO, Dida. Filhos de seringueiros enfrentam o poder das gangues. Favela Amazônia: um novo retrato da floresta. [Série de reportagens especiais *on-line*]. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/favela-amazonia/capitulo-6.php>. Acesso em: 15 dez. 2020.

A reportagem apresenta um grupo de jovens, filhos de seringueiros, que resistem à violência da polícia e do tráfico de drogas por meio da arte, em Sena Madureira (AC). A matéria é parte de uma série de reportagens especiais em que o texto de Leonencio Nossa e a fotografia de Dida Sampaio abordam as

periferias das cidades amazônicas, onde um terço da população vive em territórios do tráfico, sujeita a constantes violações de direitos humanos, e o surgimento de lideranças sociais desafia os poderes paralelos.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Projeto estimula sustentabilidade e biodiversidade nos processos de produção do açaí. *Nações Unidas no Brasil*, 1 out. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/93572-projeto-estimula-sustentabilidade-e-biodiversidade-nos-processos-de-producao-do-acai>. Acesso em: 27 nov. 2020.

A matéria apresenta o Centro de Referência em Manejo de Açaizais Nativos do Marajó (Manejaí), que apoia o manejo sustentável do açaí. A iniciativa busca assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e centenas de agricultores familiares, além de gerar renda e melhorar a qualidade de vida dos povos das florestas. Os extrativistas capacitados passam a aplicar as técnicas em suas áreas de produção e alguns deles, inclusive, treinam outros membros da comunidade, multiplicando o conhecimento.

Sites

BNCC

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 dez. 2020.

Documento que normatiza o ensino nas redes e instituições públicas e privadas, referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas do Ensino Infantil ao Ensino Médio.

Agenda 2030

PNUD; IPEA. *Plataforma Agenda 2030*. Disponível em: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

O portal da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável apresenta a história que levou os países da ONU a construir uma declaração global, em 2015, que apresenta um “plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade” e “busca fortalecer a paz universal”. O *site* aborda ainda, em detalhes, os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) apresentados na Agenda 2030 e disponibiliza publicações oficiais que fornecem subsídios para entender melhor o assunto.

WWF-Brasil

WWF-BRASIL. Disponível em: <https://www.wwf.org.br>. Acesso em: 2 dez. 2020. Fundado em 1961 com o nome World Wildlife Fund, em português Fundo Mundial para a Natureza, o WWF é a maior organização não governamental (ONG) de preservação do meio ambiente do mundo, com quase 5 milhões de afiliados e cerca de 2 mil projetos distribuídos em mais de cem países. No Brasil, a Rede WWF realizou suas primeiras atividades em 1971, dando início ao bem-sucedido Programa de Conservação do Mico-Leão-Dourado. Depois de diversas outras iniciativas no país, a ONG abriu sede nacional em 1996, o WWF-Brasil, com escritórios em Brasília, Campo Grande, Manaus, Rio Branco e São Paulo, em que 137 funcionários atuam em 67 projetos na Amazônia, no Cerrado, no Pantanal e na Mata Atlântica, além dos ecossistemas marinhos, na costa brasileira. Hoje, a entidade é uma organização da sociedade civil brasileira que “trabalha para mudar a atual trajetória de degradação ambiental e promover um futuro em que sociedade e natureza vivam em harmonia”. O *site* apresenta a história da organização, expõe suas atividades e campanhas, traz conteúdos sobre meio ambiente, como conceitos e notícias, e oferece diversas formas de participação (contribuição financeira, divulgação, afiliação, assinatura de petições e ações diretas, como a Hora do Planeta).

Conheça outras obras no *site* da
FTD Educação, disponível em:
www.ftd.com.br

DE ACORDO COM A BNCC

Este projeto foi elaborado de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Contém, assim, conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade, com especial destaque ao eixo Leitura, componente curricular Língua Portuguesa, subordinado à área de conhecimento Linguagens.

